

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

Levantamento Bibliográfico , Leitura, Fichamento e Resenha

Trabalho apresentado à disciplina
Orientação à Pesquisa Bibliográfica do
curso de Biblioteconomia da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo

Prof.^a Dr.^a Brasilina Passarelli

Adriana Mariana de Araujo Rodrigues N° USP 157728

Cristine Vargas Pereira N° USP 3119602

Rita Costa Veiga Zamboni N° USP 1757570

BIBLIOTECONOMIA – DIURNO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	3
2. LEITURA	4
3. FICHAMENTO	6
4. RESENHA	8
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa, para a maioria dos estudantes em nível superior representa o primeiro contato real com a pesquisa, inclusive com sua própria. Daí a importância de que se reveste esse acontecimento: o principiante vai entender e julgar a dificuldade ou a possibilidade de fazer sua pesquisa pela dificuldade ou facilidade em fazer o seu projeto. Alguns conceitos e métodos são básicos para a construção desse projeto. Entre eles o levantamento bibliográfico e a leitura, que são métodos de estudo. Fichamentos e resenhas, por sua vez são importantes técnicas de pesquisa, como se verá nesse trabalho.

1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento bibliográfico é a etapa que segue à delimitação do tema e formulação do problema. Nesta etapa, o tema escolhido é posto à prova, na medida em que eventuais falhas serão expostas pela pesquisa bibliográfica. Por exemplo, o pesquisador sentirá dificuldade em fazer o levantamento se o seu tema não está definido adequadamente. Também há a possibilidade de que as pesquisas preliminares já apontem o trabalho em outra direção do que aquela inicialmente planejada. Uma outra instância, pode-se perceber que não há tempo hábil para concluir o trabalho tal como foi planejado. Neste caso, deve-se voltar à etapa anterior e repensar o tema.

O tipo de material a ser utilizado no trabalho vai depender de sua natureza. A maioria dos trabalhos, no entanto, depende, em algum momento, de literatura prévia sobre o tema. As fontes podem ser livros, revistas, artigos publicados na Internet, etc. Cada uma destas fontes pode ser encontrada de determinada maneira. As fontes primárias são as que mais se relacionam com o tema da pesquisa. Devem constituir a maior parte da pesquisa. Contudo, é importante ressaltar que, para o pesquisador iniciante, fontes secundárias tais como literatura crítica, artigos e revisão da literatura e revistas de compilação de resumos acadêmicos são ótima fonte de pesquisa para a constituição da bibliografia.

A biblioteca é um excelente lugar para se começar a pesquisa. É claro que, dependendo do tipo de pesquisa, não é qualquer biblioteca que deve ser consultada.

Obviamente, não é possível fazer uma pesquisa sobre a arte musical no período joanino, na qual se busque estudar composições em suas partituras originais, em uma biblioteca municipal qualquer. Pode ser necessário recorrer à Biblioteca Nacional ou a outros arquivos especializados. Todos estes cuidados devem ser tomados já no levantamento bibliográfico. Os catálogos das bibliotecas, principalmente aqueles on-line, por vezes oferecem uma enorme gama de documentos aos quais o pesquisador comum, de fato, não terá acesso, quer porque os documentos não circulam, quer porque não há traduções para a língua vernácula (ou outra de acesso do pesquisador), dentre outros percalços.

O bibliotecário pode ser de grande ajuda. Grande parte das bibliotecas (pelo menos as maiores e mais especializadas) oferecem o serviço de levantamento bibliográfico. É importante ter em mente que o bibliotecário conhece bem os métodos de pesquisa bibliográfica, mas pode não estar tão familiarizado com o tema do pesquisador. O levantamento do bibliotecário deve ser, portanto, complementado e revisado.

A princípio, é vantajoso já ter elaborado a bibliografia básica antes de começar a leitura em profundidade dos textos. O que não significa que uma leitura prévia (primeiras páginas, leitura do sumário, capa, contracapa e outros pontos de informação críticos do livro não seja desejável. A simples referência do catálogo nem sempre traz todos os elementos que já poderiam ser inventariados nessa etapa do trabalho. É essencial manter as informações encontradas organizadas e descritas da maneira mais completa possível. Se isso parece (e é) trabalhoso, sem dúvida será de grande ajuda a longo prazo e pode vir até mesmo a poupar tempo. Um levantamento bibliográfico bem feito, no qual os matérias foram devidamente anotados, pode se transformar nas referências bibliográficas finais da monografia. Assim, é importante seguir as normas de padronização tais como as da ABNT.

2. LEITURA

Para Antônio Joaquim Severino, “a leitura, cientificamente conduzida, é instrumento fundamental para a aprendizagem no ensino superior, uma vez que todas as demais atividades, inclusive as aulas, a pressupõem.” (SEVERINO, 2002, p. 19) Assim, destaca uma série de procedimentos para garantir que a leitura seja eficiente em todos os

níveis. Esta leitura (analítica) tem como objetivos o favorecimento da compreensão geral do texto, o desenvolvimento do raciocínio lógico, e permitir que o aluno adquira instrumentos para uma leitura crítica do texto e para seu trabalho acadêmico.

Os processos básicos sugeridos são a análise textual, a análise temática, a análise interpretativa, a problematização e a síntese pessoal. Cada um desses processos lida com determinado nível de compreensão do texto, do mais simples ao mais complexo.

A análise textual envolve a preparação do texto para as primeiras leituras. É sugerida uma leitura preliminar rápida com o objetivo de identificar as unidades do texto e esquematizá-lo. É também o momento de fazer um levantamento de termos e autores com os quais o aluno não esteja familiarizado.

A análise temática aprofunda um pouco mais a leitura. É o momento de identificar o tema-problema e esquematizar seu desenvolvimento em ideias primárias e secundárias ao longo do texto. Neste momento, o raciocínio do autor deve estar claro para o aluno.

O terceiro passo é a análise interpretativa. Este procedimento vai além do texto e estabelece ligações entre este e seus contextos: contexto do autor, e de sua especialidade, etc. Neste estágio, é esperado que o aluno já seja capaz de ser crítico diante do texto e do autor.

A problematização envolve a discussão do texto nas diversas instâncias acadêmicas, entre alunos em grupos de estudo ou em sala de aula. As questões apresentadas ou suscitadas pelo texto são debatidas.

Com a síntese pessoal, o aluno retoma as questões do texto sob seu próprio ponto de vista, com redação própria e reflexões pessoais.

3. FICHAMENTO

Os fichamentos são formas organizadas de registrar as informações obtidas na leitura de um texto. Fichar é selecionar, organizar e registrar informações, de forma a constituir uma documentação que atenda aos objetivos do leitor.

De acordo com Gil (1989), os objetivos do fichamento são a identificação das obras consultadas, o registro do conteúdo das obras consultadas, o registro dos comentários acerca das obras consultadas e a ordenação dos registros.

O cabeçalho do fichamento é constituído pelos elementos de identificação das fichas: título genérico, título específico e número de classificação. As referências bibliográficas são constituídas pelos elementos indicadores da obra, que geralmente constam da folha de rosto ou da ficha catalográfica: autor, título, número de edição, local da publicação, editora, data da publicação, número do volume (se for o caso).

O texto da ficha varia segundo sua finalidade. Nas fichas bibliográficas, o texto é constituído pelos comentários e nas fichas de apontamentos pelas citações, resumos e observações pessoais. Os comentários apresentam uma síntese da obra bem como uma apreciação crítica da mesma. As citações são constituídas pela transcrição *ipsis litteris* do pensamento do autor. Os resumos devem expressar o pensamento do autor de forma abreviada.

As fichas de leitura podem ser de diferentes tipos: fichas de leitura de livros ou artigos, temáticas, por autores, de citações, de trabalhos, de ligações entre ideias e seções do plano, problemáticas (como abordar tal problema?), de sugestões, etc.

Atualmente, há programas disponíveis na Internet ou para uso off-line no computador que se apresentam como ótimos substitutos para as tradicionais fichas de leitura em papel.

O site Minhas Citações (www.minhascitacoes.com.br) oferece o serviço on-line gratuitamente. Basta acessar o site e se cadastrar, criando *login* e senha, para ter acesso

às opções de fichamento. O site permite que o usuário crie entradas para as citações de acordo com o tipo de material (monografia, artigo, documento eletrônico, etc).

Permite também a criação de filtros, muito úteis para a busca de citações a partir do momento em que estas se avolumam. Pode-se, por exemplo, criar *tags* para os assuntos dos livros, ou para disciplinas para as quais as leituras foram feitas. O programa permite também incluir o número da página da citação. Não raro o estudante descuida-se de anotar esta informação, o que pode acarretar sérios transtornos na hora de utilizar a citação em um trabalho e praticamente invalidar o trabalho de seleção de material ou fazer com que o estudante trabalhe dobrado, procurando novamente as citações nos livros e artigos. Outro campo bastante útil é o de comentários.

O programa já oferece as entradas de referências bibliográficas, que podem ser recuperadas para uso posterior numa monografia, já em formato padronizado ABNT.



Minhas Citações

Faça seu cadastro e tenha acesso a uma área livre, gratuita e exclusiva para seus registros de leitura.

Login

Senha

Entrar automaticamente

Salve meu login

Sempre perguntar meu nome de usuário e senha

[Esqueci a senha](#) [Registrar Novo Usuário](#)

Dúvidas, angústias ou preocupações, entre em contato: minhascitacoes@minhascitacoes.org / www.minhascitacoes.org/leonardoassis (Blog)

[O que é o projeto Minhas Citações?](#) / [Indicar este site para um amigo](#) / [Como funciona? \(Tutorial - Versão Antiga\)](#)

O programa “Fichamento” (www.fichamento.com.br) é uma opção para download. O programa é instalado no computador e emula as fichas, permitindo que o usuário simplesmente preencha os campos já selecionados e formatados com a informação pertinente. O programa oferece fichamento de livros, periódicos, periódicos da Internet, páginas de Internet, e citações. Informações sobre as regras da ABNT

também estão disponíveis para consulta. Há diversos modos de recuperação e visualização das fichas já preenchidas.



4. RESENHA

Resenha é um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem ela se destina (dissertação).

Além dos objetivos gerais da resenha (instrumento de pesquisa bibliográfica, atualização bibliográfica, decisão de consultar ou não o texto original), podem acrescentar-se ainda os de desenvolver a mentalidade científica e levar o iniciante à pesquisa e à elaboração de trabalhos monográficos.

A resenha configura-se como um texto que se propõe prestar informações sobre elementos complexos. Pode referir-se a elementos reais (reuniões) ou a referentes textuais (livros, peças teatrais, filmes). Há aqui resumo crítico.

A resenha crítica é também denominada *recensão crítica*. Ela combina resumo e julgamento de valor. A Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR 6028:2003, denominou a resenha de resumo crítico. Seu objetivo é oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto à consulta ou não do original. Daí a resenha deve resumir as idéias da obra, avaliar as informações nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada.

Antonio Joaquim Severino (1986, p. 121) examina as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. O estudo dos princípios aí expostos favorece a prática da resenha. Para o autor a leitura analítica é um método de estudo. Pode-se acrescentar que é a base da resenha, que, por sua vez, se revela instrumento de pesquisa.

4.1 RESENHA DESCRITIVA

Para Fiorin e Platão (1990, p. 426), “resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem”.

Assim, eles consideram a resenha um texto descritivo. Essa característica pode prevalecer em uma resenha, visto que o objetivo do autor é transmitir ao leitor um conjunto de propriedades do objeto resenhado. Contudo, a resenha também pode ter *parágrafos narrativos*, em que sobressaem aspectos relativos ao espaço e ao tempo que denotam a transformação ou a alteração dos acontecimentos ou da abordagem de um texto. Finalmente a resenha pode ter ainda *parágrafos dissertativos* sobre o valor da obra, argumentos que comprovem a qualidade do texto ou a ausência dela.

A resenha que, além de aspectos descritivos, apresenta julgamento ou apreciação da obra, notas e correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou é chamada por Platão e Fiorin de **resenha crítica**.

4.1.1 ESTRUTURA DA RESENHA DESCRITIVA

- Nome do(s) autor(es)
- Título e subtítulo da obra (livro, artigo de periódico)

- Se tradução, nome do tradutor
- Nome da editora
- Lugar e data da publicação
- Número de páginas e volumes
- Descrição sumária de partes, capítulos, índices
- Resumo da obra, salientando objeto, objetivo, gênero (poesia, prosa, dramaturgia, ensaio literário, político, etc.)
- Tom do texto
- Métodos utilizados
- Ponto de vista que defende

4.1.2 EXEMPLO



Eco, Umberto. Como se Faz uma Tese

"A tese é como um porco: nada se desperdiça". Reunindo uma sólida erudição, exposta de maneira didática, a um senso de humor que tudo ilumina, Umberto Eco é o autor mais indicado para a árdua e indispensável tarefa de ensinar como se faz uma tese.

Neste manual prático, Eco vale-se de sua enorme experiência acadêmica para esquadrihar desde os aspectos básicos de uma tese (a escolha do tema e do orientador, as técnicas de pesquisa e fichamento) até as regras de sua redação (chegando mesmo a minúcias de diagramação). Em 19ª edição, capaz de interessar mesmo aos que não têm para ele um uso prático, esse livro segue firme comprovando sua ousada afirmação: "fazer uma tese significa divertir-se".

Assunto: Metodologia

Coleção: Estudos, volume 85

Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza

Descrição: 12,5 x 22,5 cm, 192 páginas, brochura, 246 g

Edição: 22ª, 2009, Editora Perspectiva

ISBN: 9788527300797

Preço: R\$ 31.00

4.2 RESENHA CRÍTICA

Na resenha crítica, além dos elementos descritivos e narrativos, há os dissertativos, a defesa de um ponto de vista, a apresentação de argumentos, provas. O leitor espera um posicionamento do resenhista. A resenha não pode ser fria e distante, temerosa de comprometimento, sob pena de tornar-se um texto indigesto, desinteressante. Todavia os juízos avaliativos precisam apoiar-se em fatos, em provas,

em argumentos consistentes. Afirmações genéricas pouco acrescentam, ou revelam desinteresse em aprofundamento da análise. Os juízos avaliativos devem ser claros, para que o leitor possa concluir sobre a validade da aquisição ou leitura da obra. Deve ficar claro para o leitor se o resenhista adota como positivo ou negativo os posicionamentos, os conceitos, as idéias da obra resenhada.

A leitura e redação de resenhas constituem exercícios que melhoram a qualidade da leitura e da redação. A resenha não é, pois, um resumo. Este é apenas um elemento da estrutura da resenha. O resumo não admite o juízo valorativo, o comentário, a crítica; a resenha, por outro, exige tais elementos. Se bem redigida, a resenha é um valioso instrumento de pesquisa; se, no entanto, a crítica apresentada é impressionista (gosto/não gosto), a resenha deixa de ter interesse para o pesquisador.

4.2.1 ESTRUTURA DA RESENHA CRÍTICA

1. Referência bibliográfica: autor, título da obra, elementos de imprensa (local da edição, editora, data), número de páginas, formato.
2. Credenciais do autor (nacionalidade, formação universitária, títulos, livros ou artigos publicados).
3. Resumo da obra (idéias principais. De que trata o texto? Qual sua característica principal? Exige algum conhecimento prévio para entendê-la? Descrição do conteúdo dos capítulos ou partes da obra.
4. Conclusões da autoria (A que conclusões o autor chegou?)
5. Metodologia da autoria (Que métodos utilizou? Dedutivo? Indutivo? Histórico? Comparativo? Estatístico? Que técnicas utilizou? Entrevistas? Questionários?)
6. Quadro de referência do autor (Que teoria serve de apoio ao estudo apresentado? Qual o modelo teórico utilizado?)
7. Crítica do resenhista/apreciação (Julgamento da obra. Qual a contribuição da obra? As idéias são originais? Como é o estilo do autor: conciso, objetivo, simples, idealista, realista?)
8. Indicações do resenhista (A quem é dirigida a obra? É endereçada a que disciplina? Pode ser adotada em algum curso? Qual?)

4.2.2 EXEMPLO



estilo, ao propósito do analista; mas o que resulta dessa incisão crítica é um notável esclarecimento, transparente não só para o estudioso dessas matérias, de como se organiza e funciona a máquina textual, qual o jogo que ocorre entre "o dito" e "o não dito", o que se desenha nos interstícios e nos espaços em branco e quais os possíveis desenvolvimentos feitos, sob a forma de "capítulos fantasma", pelo receptor-leitor, isto é, em virtude de quais estratégias e que enciclopédias ledoras um texto desempenha a contento o seu papel, realizando-se como universo ficcional.

Assunto: Semiologia e Semiótica

Coleção: Estudos, volume 89

Tradução: Atílio Cancian

Formato: 12,5 x 22,5 cm, 240 páginas, brochura, 272 g

Edição: 2ª, 2ª reimpressão, 2008, Editora Perspectiva

ISBN: 9788527302982

Preço: R\$ 38.00

Eco, Umberto. Lector In Fabula: A Cooperação Interpretativa nos Textos Narrativos

As questões que Umberto Eco coloca nesta obra são, na aparência, muito simples, mas, na realidade, fundamentais para uma teoria da leitura de um texto ficcional. Com efeito, as perguntas básicas subjacentes à sua análise são: Quem é efetivamente o leitor de uma fábula? Qual o seu papel? Como e em que medida entra nesta decodificação a sua interpretação? Mas, para responder a tais indagações, o leitor de *Lector in Fabula* recorre a todos os elementos fornecidos pela pesquisa semiótica moderna e, sobretudo, à proposta do ato de leitura que Roland Barthes consubstanciou na expressão "prazer do texto". Pois, na verdade, para Eco, não menos do que para o crítico francês, trata-se de declarar não apenas "o que" um texto proporciona, mas também "por que" aquilo que proporciona está indissolivelmente ligado à fruição do objeto atualizado. No encaixe sistemático e pertinaz desses alvos, *Lector in Fabula* não poderia permanecer apenas no plano abstrato. E, sem dúvida, é magistral a aplicação que Umberto Eco faz das noções e estruturas que levanta, no discurso teórico, voltando o seu foco para a microanálise de um exemplo concreto. É claro que o relato de Alphonse Allais se ajusta perfeitamente, por sua composição e

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, José Luiz de Paiva. Metodologia Científica. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm>. Acesso em 04/10/2009.
- CAMARA JR., J. M. Manual de expressão oral e escrita. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F.P. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2005.
- GARCIA, O. M. Comunicação em prosa moderna: aprendendo a escrever, aprendendo a pensar. Rio do Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1989.
- LANCASTER, F. W. Indexação e Resumos: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- MEDEIROS, J. B. Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2006.
- ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez, 1993.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOBIAS, J. A. Como fazer sua pesquisa. São Paulo: Ave Maria, 2001.
- www.minhascitacoes.com.br. Acesso em 03/10/2009.
- www.fichamento.com.br. Acesso em 03/10/2009.